



MEMÓRIAS FRAGMENTADAS: ESGOTAMENTO E COLAPSO DAS GRANDES MEMÓRIAS

Valéria Gomes Carvalho Jantsch¹; Vânia Maria Oliveira²; Carla Rosane da Silva Tavares Alves³

Palavras-chave: Memória. Identidade. Fragmentação.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A construção das memórias individuais de uma pessoa, está intimamente ligada à memória coletiva de um determinado grupo social, cujas lembranças são partilhadas a partir da referência coletiva, criando um vínculo afetivo que permite manter uma identificação com a comunidade aludida, esteja esta presente ou ausente, e compreender-se numa perspectiva histórico-social.

De tal modo, a memória coletiva pode ser um importante elemento para a construção das representações identitárias nos grupos sociais em que o indivíduo está inserido, como escola, igreja, família, dentre outros, que atuam como disseminadores dos mesmos valores sociais e contribuem para a formação do cidadão, norteando o conceito de moral e dever.

Segundo Candau (2016) a memória está diretamente relacionada a capacidade de transmitir conteúdos fortemente estruturados, logo ficando facilmente memorizáveis e próprios a serem compartilhados. Portanto, funciona como um processo dinâmico que se desenvolve no cotidiano, por meio de um processo de comunicação. Para diversos estudiosos nas sociedades contemporâneas as estruturas a memorizar estão se tornando muito vagas, numerosas e complexas de tal maneira, que se tornam aleatórias e conseqüentemente se perdem ao longo do tempo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS OU MATERIAIS E MÉTODOS

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: aluno@valeriarv@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Sociais da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: vfreitas@unicruz.edu.br

³ Docente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Sociais da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br



O presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto, através de referências teóricas com intuito de analisar e discutir o conceito de memória e identidade, assim como, os fatores que levam ao seu esgotamento e colapso.

A obra utilizada como base para esta pesquisa é Memória e identidade de Joel Candau, mais precisamente o capítulo: Esgotamento e colapso das grandes memórias organizadas. Além de outros autores que complementam o estudo. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A identidade está intimamente relacionada com a memória, pois é a partir das narrativas perpetuadas em um grupo social, que se solidifica a percepção identitária que caracteriza uma determinada sociedade. A perda de grandes referências memoriais vem sendo um assunto recorrente por parte de diversos estudiosos. “Fala-se tanto em memória porque ela já não existe mais” nota Pierre Nora, trazendo uma preocupação com o desaparecimento de grandes memórias coletivas em detrimento de memórias individuais.

É notório que as sociedades são mutáveis e, portanto, estão em constante transformação quanto ao tempo social, economia, etc. Para Hervieu-Léger a geração fim do século “é a primeira geração pós-tradicional, a primeira que se encontra em situação de incertezas estruturais, caracterizada pela mobilidade e mudanças de todas as referências”. Esta incerteza estrutural gera um enfraquecimento das grandes memórias e ao perder força gera a fragmentação das mesmas.

Ao esfacular uma memória ela torna-se impossível de ser conhecida plenamente, pois ela ganha um único viés, ficando estática e impossível de variação e por fim torna-se petrificada.

Porque se quer autorizada, não está disponível para as interpretações sucessivas que caracterizam toda memória viva e já não assegura o trabalho que, no decorrer das gerações, seleciona o que é admitido pelo grupo e o que deve ser rejeitado. Por essa razão, as chances que venha a ser compartilhada se reduzem consideravelmente. (...) Finalmente, menos que a quantidade de memória oferecida, observa Richard Marienstrass, o que importa é a capacidade dessa memória em criar laços entre os



homens. Por isso é necessário „que ela seja criativa e mediadora e que dela participem todos os membros da comunidade. Mas a memória é cada vez menos isso. A técnica, de fato, nos eximiu do papel de sermos nós mesmos depositários vivos da memória e nos remetemos cada vez mais a essas memórias sempre disponíveis, ainda que mortas – ou disponíveis porque mortas. (Candau, 2016, p.191)

Assim, como o risco de desnaturalização, há o risco de conservação excessiva das memórias. Pois quando um povo aceita por definitivo um legado que a caracteriza de forma estática, não proporcionando a possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento, cria um enrijecimento das identidades sociais e culturais a ponto de dissipá-la. Como Joel Candau trata o caso dos mineiros do norte da França, esses sujeitos:

não tem a sua disposição mais do que um discurso petrificado, uma imagética heroica e uma crença em promessas já esquecidas. Munidos de sua dignidade, eles denunciam os descasos em relação, defendem suas vantagens adquiridas e tornam-se guardiões hipersensíveis de um futuro museu industrial. A moral os homenageia. A realidade os maltrata. (CANDAU, 2016, pg. 192).

Uma vez que, eles são representados por serem corajosos e amantes do trabalho, eles enaltecem essa representação e a mantêm a qualquer custo, não lutando por modificar sua realidade difícil, por entender que isto os define.

Nos tempos atuais, diversas memórias são destruídas ou elas se esvaem. Mas ao mesmo tempo, outras novas nascem, se transformam, menos expansivas e mais particulares. Cabe ressaltar que o importante não é a estagnação das grandes memórias, mas sim a transformação constante das mesmas. Houve um tempo em que o conhecimento estava na mão de apenas uma pessoa da comunidade, e hoje é diferente. Cada vez mais indivíduos são detentores e propagadores das memórias, tornando-as mais abundantes e fragmentadas.

É importante compreender que a sociedade está em constante evolução, e que as memórias estão sempre em mutação e que por sua vez modificará, por vezes, a identidade cultural de um grupo. E cabe aos indivíduos respeitar, reconhecer e compartilhar da memória individual, para que não se perca a grande memória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Este trabalho é muito importante para a compreensão das complexas relações entre memória e identidade, e chamar a atenção para o grande risco do esgotamento e colapso das memórias coletivas. E profundando o tema nos permitiu compreender que as memórias estão



em constante transformação, e em razão disto, é importante a preservação e compartilhamento destas, para que não perca força e caia em esquecimento.

Conclui-se ainda a importância da reflexão quanto aos conceitos apresentados, e da busca pela manutenção das grandes memórias, que mesmo em constante modificação, estas devem ser preservadas e mesmo utilizadas como base para a formação de novas memórias, culminando na formação da representação do homem em sociedade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HERVIER-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido. A religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 10, 1993.